

## **Não à intolerância religiosa**

[Rosângela Barboza](#)

***No dia 21 de janeiro, o Brasil comemorou pelo quarto ano o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Daniel Souza, teólogo e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, lembra que no Brasil, a liberdade de consciência, de crença e de culto está garantida na lei, mas na prática, as violências e intolerâncias religiosas estão presentes, principalmente em relação às expressões religiosas minoritárias. Daniel também é facilitador da REJU em São Paulo (Rede Ecumênica da Juventude) que congrega jovens de todo o país e realiza uma campanha de combate à intolerância religiosa***

\*\*\*



### ***Quando foi criada a Reju?***

A REJU, Rede Ecumênica da Juventude, foi criada em 2007, pelo FE Brasil (Fórum Ecumênico Brasil), numa tentativa de aproximar as juventudes à caminhada do movimento ecumênico, criando uma articulação em rede, que procurasse a formação de novas lideranças, com reflexões e ações que tivessem como eixo a promoção de direitos.

### ***Quantos jovens fazem parte da Reju?***

Diretamente ligados à rede, temos aproximadamente 300 jovens, que compõem as coordenações regionais, e indiretamente, as juventudes dos conselhos de igrejas, outras tradições religiosas e organizações ecumênicas do FE Brasil, ou não. Hoje a REJU está presente em todas as regiões do país.

### ***Qual o perfil dos jovens que atuam na Reju?***

A REJU é plural em seu perfil! São jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos, do campo e da cidade, de distintas origens religiosas e experiências de fé, possuindo diferentes lutas em movimentos sociais, populares e ecumênicos. Ao falarmos sobre religião, a REJU tem a sua maioria cristã, em suas distintas caminhadas denominacionais: católicos, protestantes históricos, anglicanos e pentecostais; mas também temos um importante e considerável número de jovens do Candomblé, mais presentes em Salvador; além destes, possuímos jovens de outras tradições religiosas, como o budismo e também aqueles que se declaram sem-religião.

### ***No dia 21 de janeiro, o Brasil comemorou pelo quarto ano o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. O que podemos entender como intolerância religiosa?***

A intolerância religiosa se apresenta como negação do outro. Nega-se o distinto e a sua religiosidade, buscando um mundo de absolutos e para isso, utiliza-se da violência física, psicológica e simbólica. Algo que está presente de maneira interreligiosa, como notamos na

relação que existe com as religiões de matriz africana; mas também de maneira intra-religiosa, dentro das próprias religiões: basta lembramos o episódio do pastor de uma Igreja neopentecostal que chutou uma santa.

As razões para tais ações são diversas. São práticas que tem as suas entranhas presas à religiosidade colonizadora. É o mesmo sonho que está cravado em nossa terra com sangue e força: singularidade! Um só mundo, uma só maneira de crer, uma só canção. Coisa difícil! Por que há uma variedade de caminhos para o sagrado. Contra a vontade destas práticas intolerantes, o singular torna-se plural.

### ***Por que no dia 21 de janeiro é comemorado o Dia Nacional de Combate?***

A escolha por esta data não foi por acaso. Em outubro 1999 a Igreja Universal do Reino de Deus publicou a fotografia da Mãe Gilda - moradora e fundadora do Ilê Axé Abassá de Ogum - no jornal Folha Universal, ligada a uma reportagem sobre charlatanismo. O título já trazia a violência simbólica que falei anteriormente: "Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes".

Nesta reportagem, a foto da Mãe Gilda aparece com uma tarja preta nos olhos. A consequência da publicação foi traumática. Adeptos de outras religiões começaram a atacar Mãe Gilda e o seu companheiro, física e verbalmente, o seu terreiro foi invadido e diversos objetos sagrados foram destruídos. Com toda esta história, Mãe Gilda sofreu um enfarto e faleceu no dia 21 de janeiro de 2000. Data que, em dezembro de 2007, pela lei n. 11.635, passou a ser o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.

### ***Qual é a situação do Brasil quando falamos em intolerância religiosa?***

Ao falarmos do Brasil, nos situamos em um estado laico, que traz em sua base a liberdade de consciência, de crença e de culto. Na lei isto está garantido, mas na prática, as violências e intolerâncias religiosas estão presentes, principalmente em relação às expressões religiosas minoritárias. É algo sentido nos corpos dos povos que tem a sua espiritualidade nas religiões de matriz-africana.

Existem, sim, outros casos espalhados no país, algumas pessoas denunciam os agressores nas delegacias e procuram a defensoria pública; em outros casos, as marcas de intolerância ficam guardadas nos corpos daqueles que as sentiram.



### ***Qual o objetivo da campanha da REJU no combate à intolerância religiosa neste ano?***

Queremos chamar a atenção para este tema, colocá-lo nas mídias sociais, nos meios de comunicação, pois este assunto ainda não é tratado de maneira consistente. Parece-me que já o tratam como tema superado. Mas não o é. A REJU, nas cinco regiões do país, busca desenvolver reflexões, parcerias e ações com as juventudes, denunciando intolerâncias e propondo práticas de diálogo e convivência

ecumênica.

É muito mais que a tolerância religiosa, é a procura por incidir na sociedade transformando as realidades de agressão em espaços de encontro, partilha. Mas esta incidência também se dará nas instâncias governamentais, reforçando e cobrando o direito à liberdade religiosa, o que deve ser garantido por um estado laico. Além disto, temos como objetivo o trabalho com as comunidades religiosas, encontrando na fé que cada pessoa vivencia a abertura à outra, o respeito e o diálogo.

### ***Na prática, como ela será realizada?***

Na prática, temos três eixos : o primeiro deles se refere à capacitação das juventudes , construindo espaços de aprendizagem nas organizações ligadas à REJU. Por exemplo, estamos trabalhando na produção de estudos bíblicos, que procuram ler textos da tradição religiosa judaico-cristã a partir da hermenêutica ecumênica, para serem partilhados em comunidades de fé.

Já o segundo eixo de nossa campanha é a incidência pública, onde procuramos intervir em Conselhos municipais, estaduais e nacionais, em órgãos do governo e no ministério público, desejando trazer a dimensão religiosa para o tema dos direitos e das políticas públicas, acompanhando as ações do estado no combate à intolerância e as soluções dos casos de negação da liberdade religiosa denunciados ao judiciário.

Por fim, o terceiro eixo de nossa prática é a comunicação, espaço onde apresentaremos as nossas atividades e intervenções, dando visibilidade ao tema da liberdade religiosa nas mídias que tivermos acesso.

### ***Como a sociedade pode participar mais no combate a essa prática?***

Um exemplo de como a sociedade pode participar no combate à intolerância religiosa, é mobilizando-se para fazer valer a Lei 11.645/08, de 2008, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e a História e Cultura Indígena. Ela substituiu a Lei 10.639/03, promulgada em 2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essas leis alteram a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e têm o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro. É um passo muito importante!

**Saiba mais:** <http://www.redeecumenicadajuventude.org.br/>)

**Daniel Souza:** [dan.vca@gmail.com](mailto:dan.vca@gmail.com)